

# POSSÍVEL INFLUÊNCIA DA PRESENÇA DE UM PREDADOR NA DISTRIBUIÇÃO DE ROEDORES EM UM REMANESCENTE FLORESTAL NO SUL DE SANTA CATARINA

Maria Ester Bueno dos Santos<sup>1</sup>, Juliano André Bogoni<sup>2</sup> & Patrícia Menegaz de Farias<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Sul de Santa Catarina, Centro de Desenvolvimento Tecnológico Arael Betthoven Villar Ferrin, Laboratório de Entomologia, Av. José Acácio Moreira, 787, Bairro Dehon, Caixa Postal 370, CEP 88704-900, Tubarão/SC, Brasil (esterb29@hotmail.com; patricia.farias@unisol.br); <sup>2</sup>Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900, Florianópolis, Brasil.

**Palavras-Chave:** Mata Atlântica, Predação, Rodentia, *Puma concolor*.

## INTRODUÇÃO

O Brasil contém a segunda maior floresta pluvial tropical do continente americano, a Mata Atlântica, sendo um dos 34 *hotspots* mundiais devido ao alto grau de endemismo e, dicotomicamente, as ameaças à diversidade (e.g. desmatamento e fragmentação) (Laurence 2009). Nesta ecorregião, a mastofauna compreende 318 espécies, tendo cerca de um terço de endemismo e sendo a mais rica em espécies de roedores entre os biomas brasileiros (Paglia et al. 2012; Graipel et al. 2016). As populações desses roedores são reguladas principalmente pelos predadores carnívoros (Chiarello 2008). Desta forma, nosso estudo buscou avaliar influência da presença de um predador topo de cadeia na distribuição de duas espécies de roedores presentes em um remanescente de Mata Atlântica, no município de Pedras Grandes, Santa Catarina.

## METODOLOGIA

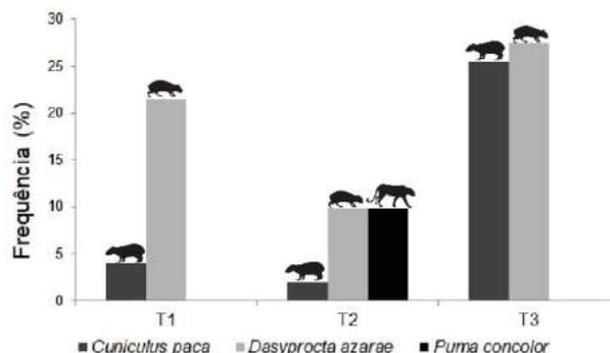
O estudo foi conduzido em um remanescente florestal no município de Pedras Grandes, localizado no sul de Santa Catarina (28°29'04"S; 49°15'24"O), no período de dezembro de 2016 a abril de 2017 totalizando cinco campanhas. Dentro do fragmento estudado foram delimitados três transectos distanciados entre si por 500 m. As transecções foram definidas como área de menor perturbação (T1), perturbação intermediária (T2) e de maior perturbação (T3). Em cada transecto foram distribuídas três armadilhas fotográficas, equidistantes 250 m, totalizando nove pontos amostrais por campanha. As armadilhas permaneceram ativas num total de 3.024 horas distribuídas em 14 dias de amostragem por mês, sem o uso de iscas atrativas. Apenas os registros independentes por unidade amostral com fotografias da mesma espécie por ponto de intervalo maior que uma hora foram utilizados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obteve-se um total de 46 registros independentes das duas espécies da ordem Rodentia estudadas: *Cuniculus paca* Linnaeus, 1766 (Cuniculidae) (n = 16) e *Dasyprocta azarae* Lichtenstein, 1823 (Dasyproctidae) (n = 30). Para o predador, pertencente à ordem Carnívora, *Puma concolor* Linnaeus, 1771 (Felidae) observamos um total de cinco registros independentes durante o período amostral. Quando avaliada a frequência dos registros das duas espécies de roedores observamos que 53,0% do total ocorreu no transecto mais perturbado (T3), sendo assim caracterizado dentre os três transectos por ter a presença da espécie vegetal exótica do gênero *Eucalyptus* e por apresentar maior incidência solar com desenvolvimento de vegetação herbácea característica de áreas mais abertas.

O carnívoro *P. concolor* é uma espécie que pode ser encontrada em ambientes variados, desde os mais florestais aos mais abertos tendo preferência pelos primeiros (Nowell e Jackson 1996). No estudo em questão, o Puma teve registro apenas no transecto com perturbação intermediária (Figura 1). Os roedores estudados são animais que vivem em florestas, mas podem ser encontrados também em uma gama diversa de ambientes, associados a cursos d'água (Reis et al. 2006). *C. paca* e *D. azarae* tiveram menor frequência de registros no transecto intermediário (T2) sugerindo que o predador *P. concolor* pode estar exercendo pressão sobre as duas espécies.

**Figura 1:** Frequência de registros independentes de mamíferos nativos amostrados entre dezembro de 2016 a abril de 2017, município de Pedras Grandes (SC).



## CONCLUSÃO

Os resultados gerais desse estudo sugerem que as espécies de Rodentia podem estar sofrendo pressão pela presença do predador de topo e assim procurando locais menos acessados pelo puma.

## REFERÊNCIAS

- CHIARELLO, A.G.; AGUIAR, L. M. DE S.; CERQUEIRA, R.; DE MELO, F. R.; RODRIGUES, F. H. G.; DA SILVA, V. M. F. 2008. **Mamíferos ameaçados de extinção no Brasil**. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. 203 p.
- GRAIPEL, M.E., CHEREM, J.J., BOGONI, J.A., PIRES, J.S.R., 2016. Características associadas ao risco de extinção nos mamíferos terrestres da Mata Atlântica. **Oecologia Australis** 20, 81–108.
- LAURANCE, W. F. 2009. Conserving the hottest of the hotspots. **Biological Conservation**, 142(6), 1137.
- NOWELL, K.; JACKSON, P., 1996. **Wild Cats. Status Survey and Conservation Action Plan**. IUCN/SSC Cat Specialist Group. IUCN, Gland, 382 p.
- PAGLIA, A.P.; DA FONSECA, G.A.B.; RYLANDS, A.B.; HERRMAN, G.; AGUIAR, L.M.S.; CHIARELLO, A.G.; LEITE, Y.L.R.; COSTA, L.P.; SICILIANO, S.; KIERULFF, M.C.M.; MENDES, S.L.; TAVARES, V.C.; MITTERMEIER, R.A.; PATTON, J.L. 2012. Lista anotada dos mamíferos do Brasil, 2ª Edição. **Occasional Papers in Conservation Biology** 6. Washington: **Conservation International**. 76p.
- REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P., 2006. **Mamíferos do Brasil**. Londrina, Paraná, 437 p.